

A vaca que não tem rabo, abana-a Deus.
*Designações para a vaca rabela na Galiza*¹

Xosé Afonso **ÁLVAREZ PÉREZ** *
Centro de Linguística da Universidade de Lisboa

Resumo: Este artigo apresenta um exemplo de um projecto mais amplo que persegue o estudo dos nomes relacionados com a vaca, um animal de extraordinária importância na cultura galega. Estudam-se diversas formas para designar a vaca sem rabo, desde vários pontos de vista, dando especial atenção à análise geolinguística. Mostra-se a relevância dos dados dialectais, para fazer hipóteses etimológicas e para avaliar os dados tirados de dicionários. Do mesmo modo, o material lexicográfico é muito útil como ajuda para melhorar a nossa compreensão de determinadas formas dialectais e a sua distribuição.

Palavras-chave: Vaca; Geografia linguística; Dicionários.

Abstract: This article presents a sample of a broader project that has as an objective the study of names referring to the cow, an animal of extraordinary importance in the Galician culture. Several forms to designate a cow without tail are studied from several points of view, paying special attention to geolinguistic analysis. The importance of dialectal data is shown in order to make

* Licenciado pela Universidade de Santiago de Compostela em Filologia Românica (2003) e em Filologia Galega (2006). Doutor pela Universidade de Santiago de Compostela em Linguística (2008). Contato: xoseafonso.alvarez@gmail.com.

¹ Provérbio crioulo da Guiné-Bissau recolhido por Couto, 2003, que dá duas versões (*Baka kɛ ka ten rabu, Deus ta banal; Baka ku ka ten rabu Deus ku ta banal*). O autor quer agradecer ao Doutor João Saramago a sua valiosa revisão deste trabalho.

etymological hypotheses and to ponder data taken from dictionaries. In the same way, lexicographical material is very useful as an aid to improve our understanding of certain dialectal forms and their distribution.

Key-words: Cow; Linguistic geography; Dictionaries.

A importância da vaca na história, na sociedade e na cultura da Galiza, um país eminentemente agrícola, é uma realidade incontestável. Ainda hoje, como ficou imortalizado no livro de Manuel Rivas (1990), a Galiza é um país com um milhão de vacas, quase tantas como Portugal, apesar de este ter quatro vezes mais habitantes. Em concelhos com grandes explorações agrícolas o número de vacas é o triplo da sua população. Este animal, pela grande utilidade que tinha e tem para os seus donos, que conviviam em estreito contacto com ele, ascendeu a animal totémico da cultura galega, fazendo com que se criasse uma rica tradição etnográfica à sua volta.² Isto explica a grande riqueza dos campos lexicais relacionados com a vaca, não só na quantidade, mas também na diversidade de processos formativos existentes.

Assim, justifica-se a necessidade de um estudo pormenorizado das designações referentes à vaca, das quais já apareceram algumas amostras (ÁLVAREZ PÉREZ 2006 ou 2007), numa altura que se está a trabalhar também na análise comparativa com dados de alguns domínios lusófonos, nomeadamente Portugal continental e os Açores. Nesta ocasião, centrar-nos-emos nas denominações para a vaca sem rabo. Para além disso, considera-se que trabalhos desta natureza são também úteis para propor um modelo metodológico a aplicar na análise de campos lexicais que combine uma perspectiva geolinguística com o estudo da história e a etimologia das palavras.

² Vejam-se, por exemplo, os 1471 refrãos recolhidos por Benavente e Ferro, 1995, que trabalham numa extensa monografia etnolinguística sobre o gado *vacum*.

1 Material Primário Utilizado

Para realizar esta investigação, optou-se por trabalhar exclusivamente com material recolhido por outros investigadores, sem realizar novas pesquisas. Há várias razões que justificam esta abordagem, sendo a mais importante a nova realidade sócio-cultural galega: num passado, a vaca estava presente na generalidade das casas galegas no campo. A progressiva mecanização dos trabalhos agrícolas, as novas políticas agrárias e o despovoamento do espaço rural originaram uma mudança radical da situação a que se deve acrescentar o confinamento da vaca a explorações agrícolas, já não no âmbito da casa. Evidentemente, a perda da convivência directa com o objecto origina o progressivo desaparecimento do léxico associado a ele. Inquéritos realizados actualmente seriam muito menos ricos do que o material aqui.

As designações que conformam o material primário foram obtidas a partir de dois tipos de material: um, os inquéritos inéditos do *Atlas Lingüístico Galego* (ALGa) realizado pelo Instituto da Língua Galega (Universidade de Santiago de Compostela) e outro, mais de duzentos inquéritos realizados por estudantes universitários de terceiro e quarto ano da cadeira de Linguística Românica. Complementarmente, inclui-se nos comentários outro material da fala viva, nomeadamente o recolhido em teses de doutoramento ou de mestrado. A única diferença é o facto deste material não ser cartografado.

O ALGa, actualmente em processo de edição (desde 1990 foram publicados já 5 volumes), conta com uma rede de 165 pontos de inquérito (150 em território administrativamente galego e 15 em áreas limítrofes galego-fonas); os inquéritos foram efectuados entre os anos 1974 e 1976 (com excepção do ponto Z-02, explorado em maio de 1977) por Rosario Álvarez Blanco, Francisco Fernández Rei e Manuel González González

O Catedrático de Linguística Românica, Constantino García, tinha o hábito de exigir aos seus alunos que realizassem inquéritos sobre diferentes campos lexicais, um pouco por toda a Galiza. Este material conserva-se actualmente no Instituto da Língua

Galega e, para esta investigação, foram seleccionados 216 inquéritos referentes à vaca, todos eles do ano 1969; a densidade da rede de pontos é muito heterogénea, com uma enorme concentração perto de Santiago, a área mais acessível aos estudantes para poderem fazer os inquéritos. A repartição geográfica destes inquéritos é a seguinte: 1 em Astúrias, 96 na Corunha, 2 em Leão, 38 em Lugo, 23 em Ourense e 56 em Pontevedra. Obviamente, a preparação metodológica destes estudantes é inferior à dos investigadores do ALGa. Apesar das dúvidas que se podem levantar relativamente a algumas das respostas, este material revelou-se de grande interesse na análise dos dados bem como no estreitamento da rede de pontos.



Figura 1 – Pontos de inquérito do ALGa

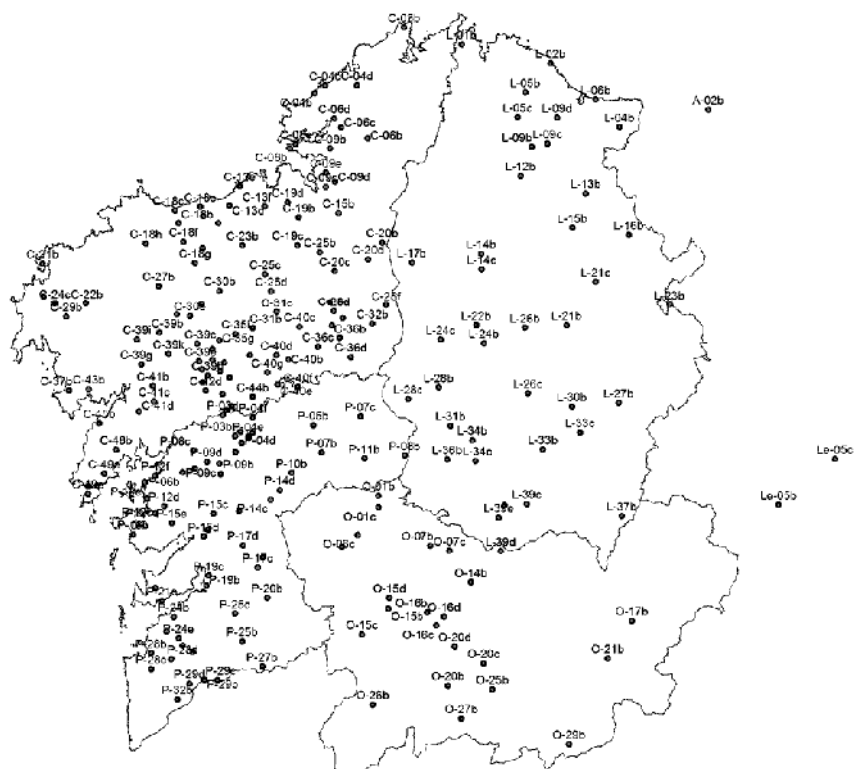


Figura 2 – Pontos de inquérito dos estudantes universitários

2 As Designações para a Vaca sem Rabo

2.1 Derivados de *rabo*

As construções sobre a forma *rabo* são hegemônicas em todo o território; apenas um 7,35% dos pontos têm outras respostas (na maioria deles, não exclusivas, coexistindo ainda com derivados de *rabo*). Como é sabido, na base está o latim *RAPU* ‘nabo’, que desde essa acepção primária sofreu um processo de deriva semântica para diferentes significados: ‘peciolo’, ‘cola dos quadrúpedes’, etc.³

É especialmente interessante a variação sufixal, que nos apresenta um rico panorama de afixos que podem expressar um valor ‘privativo’. Após uma relação das diferentes respostas, far-se-á um comentário geolinguístico, etimológico e histórico de cada uma delas.

A.1. Derivados com um sufixo.

A.1.1. Com sufixo *-ela*: *rabela*; 173 respostas (em 45,41% dos pontos)

A.1.2. Com sufixo *-ena*: *rabena*; 81 respostas (em 21,26% dos pontos)

A.1.3. Com sufixo *-ica*: *rabica*; 1 resposta (em 0,26% dos pontos)

A.1.4. Com sufixo *-oca*: *raboca*; 7 respostas (em 1,84% dos pontos)

A.1.5. Com sufixo que continua o latim *-ONA*

A.1.5.1. Com sufixo *-oa*: *raboa*; 6 respostas (em 1,57% dos pontos)

A.1.5.2. Com sufixo *-ona*: *rabona*; 68 respostas (em 17,85% dos pontos)

A.1.5.3. Com sufixo *-úa*: *rabúa*; 2⁴ respostas (em 0,52% dos pontos)

³ Corominas, 1985-1991, *sub voce*, proporciona alguns dados a respeito deste processo de ampliação semântica.

⁴ Assinala-se que num ponto de Astúrias é a forma empregue pelos falantes mais novos, frente a *sin rabo* dos velhos.

- A.1.6. Com sufixo *-ota*: *rabota*; 5 respostas (em 1,31% dos pontos)
- A.1.7. Com sufixo *-uca*: *rabuca*; 18 respostas (em 4,72% dos pontos)
- A.1.8. Com sufixo *-ucha*: *rabucha*; 5 respostas (em 1,31% dos pontos)
- A.1.9. Com sufixo *-uda*: *rabuda*; 2 respostas (em 0,52% dos pontos)
- A.2. Derivados que combinam dois sufixos
- A.2.1. Sufixos *-ella* e *-eira*; *rabelleira*. 1 resposta (em 0,26% dos pontos)
- A.2.2. Sufixos *-oa* e *-ada*; *raboadada*. 1 resposta (em 0,26% dos pontos)
- A.3. Com prefixo e sufixo.
- A.3.1. Combinação do prefixo *de(s)-* e o sufixo participial *-ada*: *derrabada*; 8 respostas (em 2,1% dos pontos)
- A.4. Construções analíticas.
- A.4.1. Frase preposicional *sin rabo*; 2 respostas (em 0,52% dos pontos)

As duas respostas maioritárias são as formas *rabela* e *rabena*, cujos sufixos mantêm uma relação especial, pois existem em galego diferentes pares de vozes que alternam um ou outro sufixo: *cacheno-cachelo*, *coteno-cotelo*, *repeno-repelo*, etc. O sufixo *-ela* provém do latim *-ELLA*, que, na origem, era afixo diminutivo; actualmente são numerosas as formas que, perdida a noção, já não expressam este matiz (*coitelo*, *costela*, etc.). A maior vitalidade de *rabela* também se verifica nos textos literários antigos, já em 1790: “Xaneco rabelo mordeume nun dedo, figueiro, figueiro” (BLANCO PÉREZ, 1992, p. 142). Por sua vez, o sufixo *-eno* funciona sobretudo como indicador de origem (*chileno*, *romeno*, *nazareno*,...) e remonta a unha forma latina *-ENU*, uma das variantes da terminação latina *-NUS*, *-NA*, *-NUM* (cf. *MAGNU*, *FRATERNU*,...), que deram diferentes resultados em galego consoante a vogal anterior: *-ano* (< lat. *-ANU*), *-eno* (< lat. *-ENU*), *-ino/iño* (< lat. *-INU*), ou *-uno* (< lat. *-UNU*). Enquanto *rabelo* já se regista no dicionário de Cuveiro (1866) e na literatura em 1790, como se viu acima, para se encontrarem exemplos de *rabeno*

há que aguardar até ao *Vocabulario popular castelán-galego* de Filgueira et al. (1926) e a 1888 para os textos literários.

O termo *rabela*, geograficamente o mais frequente, concentra-se no terço ocidental da Galiza, embora se registre também, de forma mais disperse e com menos força, no centro do território, a oriente de Lugo e a sul de Ourense. Por contra, *rabena* apresenta uma distribuição mais concentrada, ocupa uma área que se estende desde as Marinhas do Norte até à região centro da Galiza.

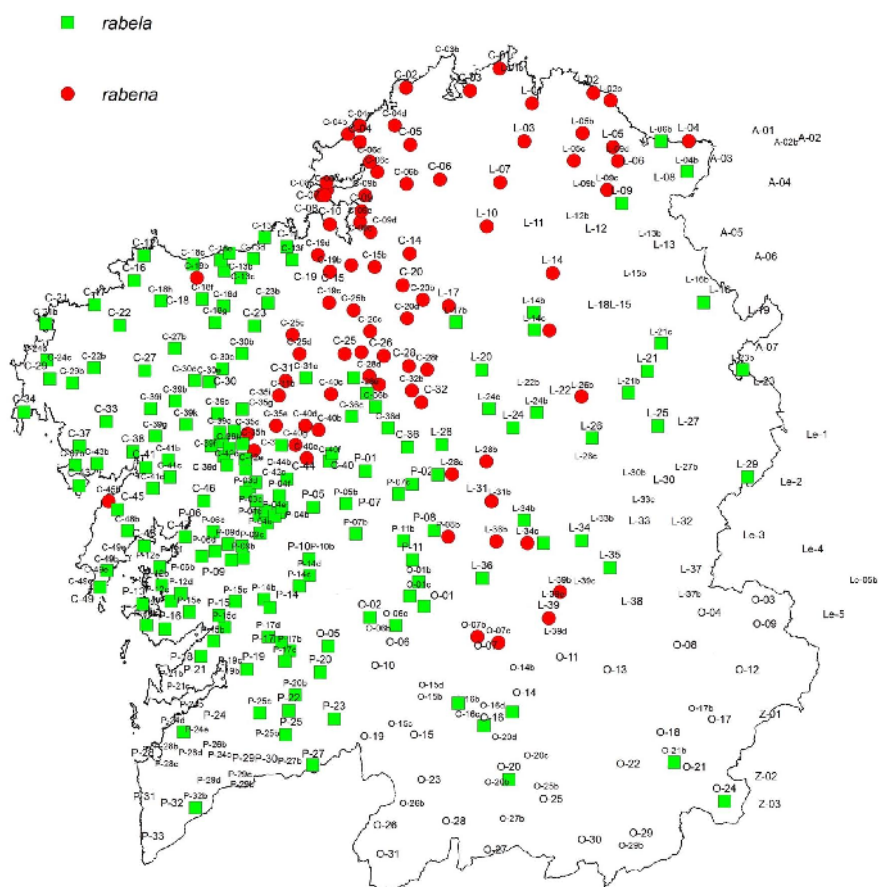


Figura 3 – Distribuição geográfica das respostas *rabela* e *rabena*

O sufixo *-ico* de *rabica* é de origem duvidosa e foram propostas várias etimologias de origem celta ou germânica, entre as que cabe assinalar as de Iordan e Manoliu (1972, §435) ou Alonso Núñez (2000, p. 164-165). É inédito o seu uso nas fontes documentais galegas com o valor ‘sem rabo’, do contrário do asturiano (GARCÍA ARIAS, 2002-2004, s.v. *rabicu*), já que se encontra apenas uma vez na literatura, com o significado ‘rabo pequeno’. Nos dicionários clássicos do galego aparece com o sentido de ‘rabo cuja cabeça desponta na terra’. Nas recolhas que servem de base ao presente trabalho, apenas ocorre uma única vez, na província de Pontevedra. A forma *raboca* explicar-se-ia, segundo Iordan e Manoliu (1972, §435) através de um latim hispânico *-Occa*, de valor diminutivo na sua origem. Apesar de não ser muito frequente, ocupa uma área compacta em termos geográficos: porém, na literatura e nos dicionários não se encontram exemplos deste vocábulo.

As formas que incorporam um sufixo continuador do latim *-ONA* são, em termos quantitativos, as terceiras em importância para este conceito. Apresentam, ademais, uma distribuição espacial muito interessante e bem definida: *rabona* estende-se por uma franja meridional que abrange os pontos leoneses (a oriente), toda a província de Ourense e o sul da província de Pontevedra (comarcas do Baixo Miño, o Condado e Vigo); os termos *raboa* e *rabúa* cingem-se a alguns pontos asturianos, leoneses e de Lugo oriental.

Apesar de ser *rabona* a forma mais frequente deste conjunto, não é muito utilizada nos textos escritos, já que só aparece em três ocasiões nos textos incluídos no *Tesouro Informatizado da Língua Galega* (TILG) do Instituto da Língua Galega: duas referências a um tipo de eixada e apenas uma ao animal sem rabo, numa divertida cantiga de carácter anticlerical: “O abade de Leirado vendeu a burra rabona i agora vai ós enterros a caballo da Catona” (SCHUBARTH; SANTAMARINA, 1988, p. 182). A forma *raboa* encontra-se documentada em referências explícitas a vacas, por exemplo, neste texto de 1928 que é originário da zona oriental de Lugo, terras em que esta voz *raboa* tem maior uso: “Estuvolle ben empreiado, pra que veña alabandose sempre de que compra máis barato cós máis;

deixamo ver a min mañá, que me hei de rir un pouco con el; e pra amocá-lo máis, heille de preguntar a cómo valeron as vacas raboas” (LÓPEZ, 1928, p. 127). Finalmente, *rabúa* aparece no dicionário de Acevedo e Fernández ligado no galego de Astúrias: “Animal hembra que carece de rabo; fem. de *rabón*. *Teño ua vaca rabúa*, tengo una vaca sin rabo. F”.

O sufixo de *rabota* é de influêncía francesa (FERREIRO, 2001, §479), através dum sufixo *-ot(te)* que remontaria a um latim *-OTTU*, variante de *-ITTU* (TLFi, s.v. *-OT*, *-OT(T)E*), que, como nos outros casos anteriores, possui o valor semântico original de diminutivo. Foi recolhido em cinco pontos dispersos de Ourense.

A forma *rabuca* inclui um sufixo de origem incerta, seguramente com valor diminutivo na origem, que possivelmente haveria que relacionar com o já apresentado sufixo *-oca*, que na rede apresenta uma distribuição similar, se bem mais limitada. Esta forma é também atestada em duas teses que estudam o léxico da zona oriental da Galiza e que se correspondem com localidades da rede que apresentam também *rabuca* como resposta.⁵ No território asturiano (GARCÍA ARIAS, 2002-2004, s.v. *rabuci*) é igualmente frequente.

O sufixo *-ucha*, para além de possuir na língua um valor pejorativo, também tem sentido de diminutivo. Para Ferreiro (2001, §488), é variante do sufixo *-acho*, apesar de também ter sido explicado a partir dum lat. **ŪSCŪLU*.⁶ Encontra-se apenas em duas obras lexicográficas de clara vocação dialectal que recolheram material da fala viva; em ambos os casos, a localização geográfica dos exemplos (extremo sul de Pontevedra e de Lugo) é perfeitamente compatível com a nossa rede de pontos.

⁵ Com duas exceções, dois pontos de Pontevedra pertencentes à rede de inquéritos dos estudantes universitários; provavelmente podem ser explicados por deficiente recolha, já que no questionário de inquérito se encontrava o seguinte texto: *vaca sin rabo (rabo, rabuca)*.

⁶ Veja-se também Alonso Núñez, 2000, 149-150.

- Sufixo *-oa*: *raboa*
- ⊗ Sufixo *-ona*: *rabona*
- ⊙ Sufixo *-úa*: *rabúa*
- ◆ Sufixo *-uca*: *rabuca*
- ◆ Sufixo *-ucha*: *rabucha*
- Sufixo *-ota*: *rabota*
- Sufixo *-oca*: *raboca*
- ▲ Sufixo *-ica*: *rabica*
- Sufixo *-uda*: *rabuda*
- ◆ *rabelleira* e *raboadada*
- ★ Prefixo *de(s)-* e sufixo *-ada*
- ⊕ Frase preposicional *sin rabo*

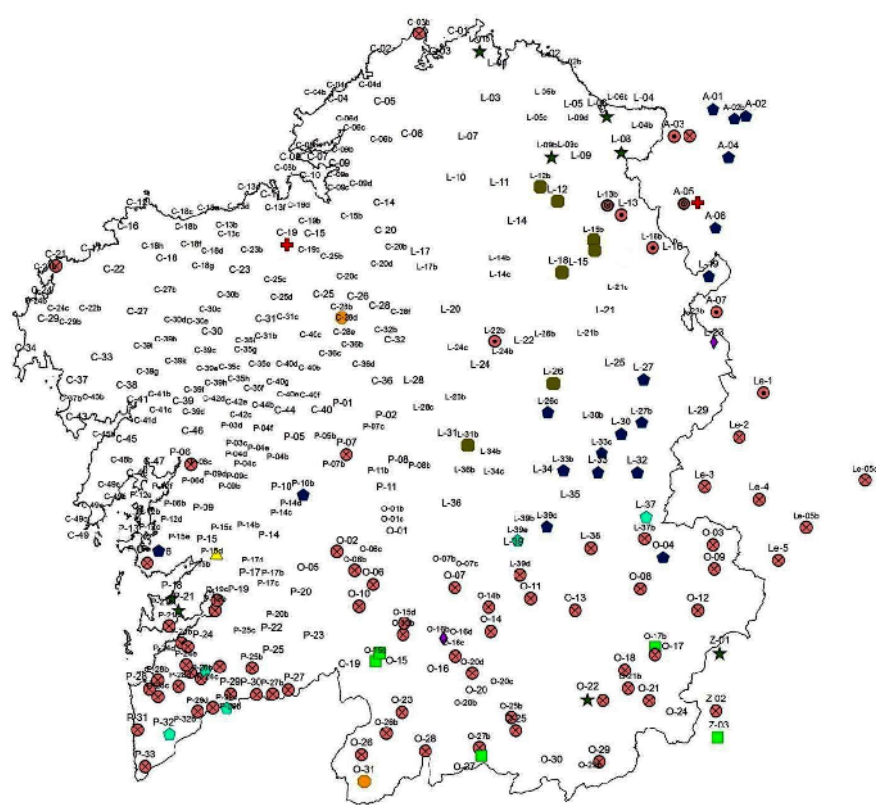


Figura 4 – Distribuição geográfica dos outros derivados de *rabo*

Por último, contamos com a forma *rabuda*, formada a partir do sufixo *-UTA*, terminação do particípio de pretérito. Não deixa de ser curioso que seja empregue para este conceito, já que normalmente a terminação *-udo/uda* introduz o significado ‘provido de’ (inclusive com um matiz que exprime grande quantidade: *barrigudo*, *peludo*, etc.); nas fontes literárias e lexicográficas consultadas há algumas atestações de *rabuda* ‘que tem um rabo longo’, mas não o contrário. Provavelmente esta resposta esporádica (só aparece em dois pontos da rede) é irónica; para *rabuda* existe também na língua a acepção ‘que tem mal carácter’.

2.2 Construções sobre outra designação para o rabo ou a partir da zona do corpo em que nasce o rabo

Em confronto com as respostas do parágrafo anterior, estas designações são muito limitadas: apenas dois casos.

O primeiro é o adjectivo *escolada*, construído sobre o substantivo *cola*, que provém, em última instância, de um latim CAUDA, forma clássica para esta parte anatómica. O seu processo evolutivo na língua é ainda discutível: pensa-se em um latim vulgar *COLA, formado a partir do diminutivo CAUDULA ou, então, em um possível cruzamento com CAULIS ‘talo da col’.⁷ O prefixo *es-* provém do prefixo latino formado com a preposição *EX-*, com um valor de negação e privação perfeitamente adequado ao conceito em causa. Apesar de haver apenas duas atestações (2 pontos da província de Lugo), a sua área poderá ser um pouco mais ampla, já que a mesma designação aparece numa tese que estuda a fala do concelho de Castro Caldelas (norte de Ourense), também referida à vaca sem rabo.

A outra resposta agrupa as variantes *escrocada* e *escrocarse*; a explicação etimológica apresenta-se problemática, pois o termo

⁷ Vejam-se mais detalhes e referências em Corominas, 1985-1991, ou em Meier, 1984, s.v. *cola I*.

*croca*⁸ designa a parte da vaca em que nasce o rabo, não o conjunto da região caudal. Como as respostas provêm de inquiridos de estudantes, provavelmente deverá ter havido uma deficiente interpretação das respostas; é, no entanto, de realçar o facto das duas respostas ocorrerem em duas localidades muito próximas.

2.3 Referência ao toco, o que resta do rabo amputado

Neste terceiro parágrafo incluímos todas aquelas respostas que têm como base uma designação para o apêndice do rabo decepado. Podemos distinguir os seguintes tipos:

C.1. Forma *cota* e derivados

C.1.1. Forma simples: *cota*; 3 respostas (em 0,78% dos pontos)

C.1.2. Formas com sufixos

C.1.2.1. Com o sufixo *-ela*: *cotela*; 5 respostas (em 1,31% dos pontos)

C.1.2.2. Com o sufixo *-ena*: *cotena*; 2 respostas (em 0,52% dos pontos)

C.2. Variante *toquena* com um modificador *do rabo*: *toquena do rabo*; 1 resposta (em 0,26% dos pontos)

C.3. Forma *zuro* e derivados

C.3.1. Derivado directo: *zura*; 3 respostas (em 0,78% dos pontos)

C.3.2. Com o sufixo *-eta*: *zoreta* e *zureta*; 2 respostas (em 0,52% dos pontos)

As formas *coto* e *toco*, quer pela sua semelhança formal quer pela mesma identidade de significado, devem ser consideradas

⁸ De etimologia problemática, se calhar proveniente duma forma frâncica **krok*, na origem do francês *croc* ‘instrumento curvo’ ou de *crochet* ‘instrumento curvo, gancho, agulha’, mas também ‘parte da anatomia curva’ (especialmente os dentes de algumas serpentes ou peixes).

como relacionadas entre si; eventualmente, *toco* poderia mesmo explicar-se como metátese de *coto*. Outro problema será a atribuição de uma etimologia válida, tema sobre o que muito se tem discutido. Corominas (1980-1991, s.v. *cueto*) oferece uma entrada detalhada, que pode complementar-se com o referido por Meier (1984), que acrescenta mais algumas referências. Porém, Houaiss (2000, s.v. *coto /ô/*), é bastante mais taxativo no que respeita à etimologia: “lat. CŪBITUS, I ‘cotovelo’ (< *cobto < *cotto < coto /ô/)”.⁹ No que respeita a *toca*, para Corominas (1980-1991, s.v. *tocón*) seria forma de origem incerta, possivelmente pré-romana; a hipótese mais aceitável das que cita Corominas seria a de Hubschmied, que remete para a forma da língua gaulesa **tsucca*, relacionada com o germânico *stokke* ‘bastão, cepo’.

Tanto *cota* como *coto*, aparecem frequentemente nos dicionários. Por exemplo, em Filgueira et al. (1926) -”manco, sin dedos”- ou na primeira edição do vocabulário de Carré (1928-1931): “Muñón. Resto de brazo al que fué amputada una parte”.

A forma *cotela* -que aparece em cinco pontos ocidentais da nossa rede, a maioria deles situados nas duas ribeiras da ria da Arousa- foi recolhida em várias obras lexicográficas dialectais com o valor de ‘mão que carece de um ou vários dedos’ ou de ‘o que queda quando se corta o pendão da cana do milho’.

O dicionário de Eladio Rodríguez (1958-1961) inclui a entrada *coteno* “*adj.* Aplícase a lo que está falto de algo en alguno de sus extremos, o es más pequeño de lo que corresponde: *dedo coteno; tèn unba perna cotena*”; com esta acepção encontra-se em diferentes teses de doutoramento e mestrado que a recolheram em vários lugares do norte da Galiza.

No que respeita a *toquena do rabo*, o sufixo já foi comentado anteriormente. A forma *toco* já se encontra em dicionários antigos:

⁹ Embora não tivesse a oportunidade de consultá-lo directamente, há que assinalar o trabalho de Hubschmid, 1979, que aborda diferentes membros desta família lexical.

F. J. Rodríguez (1863) atesta esta forma para se referir à pessoa sem uma mão.

Podemos relacionar os derivados de *zuro* com *zurullo*, que define un pedaço de material mole, normalmente longo e arredondado (de muitos tipos: novelo, excremento humano, cera das colmeias, etc.). Este termo é de etimologia controversa: Corominas (1980-1991, s.v. *zurullo*) aponta para um derivado de *cera*, explicação que parece ser confirmada por variantes como *cerullo* (obviamente, sempre que esta não for uma remotivação doutra palavra sob *cera*); o sufixo seria o mesmo que se encontra em vozes com *gurullo*, um tipo de capa. Meier (1984) discorda, apontando o latim *SUBROTULU*, que faria referência ao aspecto arredondado.

Zuro, com o significado ‘sem rabo’, foi recolhido na obra lexicográfica de Pereda (1953), que incorporou bastante léxico da sua vila natal, Verín, no sul de Ourense; de facto, na nossa rede de pontos é precisamente nessa região onde se concentram as respostas deste tipo.

Os termos *zureto* e *zoreta*, com um sufixo *-eta*, de valor diminutivo, derivado do latim *-ITA*, através do francês *-ette*, também foram recolhidas por Pereda, só que numa região mais a leste, no concelho de Viana do Bolo. Esta designação aplicava-se normalmente às ovelhas ou cabras com orelhas cortadas na ponta, pois como não é fácil distinguir uma ovelha de outra, era habitual fazer um sinal na orelha (corte longitudinal, cortar a ponta, sinais no borde, etc.) Em duas teses que pesquisaram o léxico do sueste de Ourense (em concreto, da Mezquita e Verín), encontra-se *zorrete* e *zorete* para o cavalo ou porco sem rabo.

2.4 Outras respostas

Agrupam-se neste parágrafo diversas respostas minoritárias, algumas delas de origem duvidosa:

- D.1. *cuca*; 2 respostas (em 0,52% dos pontos)
- D.2. *fanada*; 2 respostas (em 0,52% dos pontos)
- D.3. *lota*; 1 resposta (em 0,26% dos pontos)
- D.4. *manota*; 1 resposta (em 0,26% dos pontos)

D.5. *mona do rabo*; 1 resposta (em 0,26% dos pontos)

D.6. *zocha*; 1 resposta (em 0,26% dos pontos)

A resposta *cuca* localiza-se em dois pontos apenas distantes 6 km, na Península do Barbanza; é uma forma de difícil explicação semântica. Numa primeira abordagem poder-se-ia pensar que se trata de um erro do inquisidor, já que *Cuca* é nome habitual para a vaca; no entanto, o facto de haver duas respostas, obtidas em pontos vizinhos por dois investigadores distintos torna difícil esta explicação. Existe uma enfermidade das vacas chamada *acucar*, só que é uma doença localizada no úbere (geralmente por excesso de leite) e não na zona anatómica que estamos a estudar. Apesar de ser um termo também recolhido no outro extremo do território, no galego de Astúrias, eventualmente pode trazer alguma luz a voz *cuca* que se encontra no dicionário de Acevedo e Fernández (1932): “Conjunto de *gavellas* de *meizga*, amontoadas en forma cónica como los *maragouzos* de trigo, llamados *fajinas* en León. Ús. desde Valdés al Eo”; semanticamente a acepção ‘saínte do terreo’ pode ser relacionada com o rabo curto ou cortado.

Fanada é participio do verbo *fanar* ‘mutilar, cortar,...’, uma voz igualmente de difícil explicação que talvez se possa justificar a partir do lat. *AFFANNARE ‘trabalhar penosamente’ que teria sofrido uma alteração semântica: ‘trabalhar’ > ‘torturar’ > ‘mutilar’. Menos aceitável parece ser a hipótese de Machado (1977, s.v. *fanar*³), que propõe uma origem do lat. FANARE ‘consagrar’, entrado por via culta, com provável influência hebraica para explicar uma ligação semântica de ‘sagrar, consagrar’ com ‘circuncidar’, passando daí para o sentido ‘amputar’. A entrada *fanado* atesta-se nos dicionários desde Rodríguez (1863): “Animal faltoso de oreja ó cuerno si los tuvo”; esta definição seria completada por Valladares (1884): “Fañado, animal faltoso de oreja, ó cuerno, ó que tiene las orejas, ó los cuernos despuntados. Dícese tambien de cualquier objeto mocho, ó sin remate, y aun del hombre que, al cortarse el pelo, lo hizo casi á cercen”.

- | | |
|------------------------|---|
| ■ <i>escolada</i> | ● Forma sem derivar: <i>cota</i> |
| ■ Sobre <i>croca</i> | ● Forma com o sufixo <i>-ela</i> : <i>cotela</i> |
| ● <i>fanada</i> | ● Forma com o sufixo <i>-ena</i> : <i>cotena</i> |
| ⊕ Outras respostas | ● <i>toquena do rabo</i> |
| * Formas problemáticas | ● Forma sem derivar: <i>zura</i> |
| | ● Formas com o sufixo <i>-eta</i> : <i>zoreta</i> e <i>zureta</i> |
| | + Sem resposta |

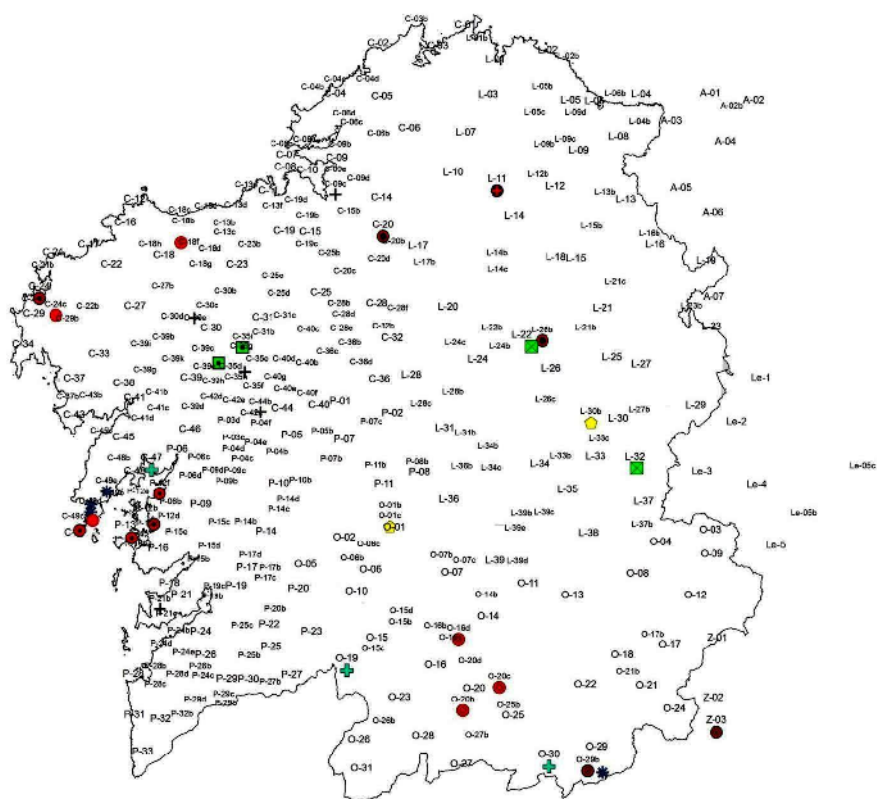


Figura 5 – Outras respostas

A forma *lota* é incompreensível. O mais provável é que o autor do inquérito, estudante universitário, tivesse equivocado os apontamentos do seu trabalho, transcrevendo por *lota* a forma *cota*.

Manota é uma construção baseada em *man* ('mão') com um sufixo *-ota* originariamente diminutivo que já foi comentado neste trabalho; neste caso, permitiria um significado mais global 'que carece de uma mão' e daqui passar-se-ia ao sentido metafórico de 'vaca sem rabo', como aparece num ponto ourensão da nossa rede.

O termo *mona* aparece também em numerosos pontos da geografia galega para designar diferentes morfologias dos cornos da vaca, especialmente a sua ausência total ou parcial

Corominas (1980-1991, s.v. *moño*) assinala que esta forma *mona* procederia duma raiz pré-romana MMNN- 'vulto, protuberância', que parece ser variante de BMNN- (cf. espanhol *boñiga*), com representantes em todos os romances ibéricos e gálicos, também em vasco e nos idiomas neoceltas; a primeira documentação espanhola é de 1438.

A designação *ꞗocha*, que aparece na nossa rede num ponto do sul de Ourense, emprega-se para referir uma pessoa sem uma orelha, e, também, para designar as irregularidades existentes no pé de plantas como a urze (e é aqui evidente o paralelo com o que fica do rabo cortado, cf. 2.3.). A etimologia é complexa. Para Corominas (1980-1991, s.v. *ꞗueco*) teria a mesma origem de *ꞗoco*, por sua vez proveniente dum latim *SOCCU* 'tipo de sapato empregado por mulheres e comediantes'; de facto, o dicionário da *Real Academia Española* regista *ꞗueca* 'toca de uma árvore' em diferentes lugares do domínio linguístico espanhol. Contudo, é uma hipótese discutível e outras teorias alternativas podem ser consultadas na própria entrada do Corominas (1980-1991) ou no *TLFi*, s.v. *souche*, que seguem a anteriormente referida proposta de Hubschmied que parte dum étimo celta **tsmkka* 'bastão'. Nenhuma das fontes literárias ou lexicográficas galegas consultadas referem explicitamente o rabo da vaca.

3 Notas Finais

Para além de explorar um campo semântico tão importante para a cultura galega, como ficou dito nos parágrafos iniciais, este trabalho pretende abordar a importância de estudos sob perspectiva simultaneamente geográfica e histórica, o que permite obter uma imagem completa dum campo lexical.

A enumeração das variantes e a representação da distribuição geográfica têm de ser os passos prévios para um estudo aprofundado que forneça uma explicação das formas, para poder compreendê-las, associá-las a outras respostas com significado similar e favorecer trabalhos posteriores de comparação interlinguística.

Outro aspecto que se deve assinalar é o evidente interesse dos dicionários e das obras literárias como fontes que podem explicar e contextualizar as respostas, especialmente aquelas que aparecem esporadicamente ou cuja existência é desconhecida. Por sua vez, só as pesquisas dialectais permitem aclarar se uma determinada entrada do dicionário é um fantasma lexical ou se existe na fala.

Referências

ACEVEDO Y HUELVES, Bernardo; FERNÁNDEZ Y FERNÁNDEZ, Marcelino. **Vocabulario del bable de occidente**. Madrid: Centro de Estudios Históricos, 1932.

ÁLVAREZ PÉREZ, Xosé Afonso. Estudio del campo léxico de la vaca en gallego: el pescuezo. *Dialectologia et Geolinguística*, Berlin-New York, v. 15, p. 3-22, 2007.

_____. Estudio del campo léxico de la vaca en gallego. *Interlingüística*, Logroño, v. 17, p. 120-129, 2006.

BENAVENTE JAREÑO, Pedro; FERRO RUIBAL, Xesús. **Refraneiro galego da vaca**. Santiago de Compostela: Centro de Investigacións Lingüísticas e Literarias Ramón Piñeiro, 1995. Disponível em: <http://www.cirp.es/pub/docs/ref_vaca.pdf>. Acceso em: 18 mar. 2009.

COUTO, Hildo Honório. Lista de provérbios. In: CASIMIRO, Fernando (dir.) **Guiné-Bissau: CONTRIBUTO**, 2003. Disponível em: <<http://www.didinho.org/proverbios.htm>>. Acceso em: 18 mar. 2009.

BLANCO PÉREZ, Domingo (Ed). **A Poesía popular en Galicia: 1745-1885**. Recopilación, estudio e edición crítica. 2 v. Vigo: Xerais, 1992.

CARRÉ ALVARELLOS, Leandro. **Diccionario galego-castelán**. A Coruña: Edicións Lar, 1928-31.

COROMINAS, Joan. **Diccionario crítico etimológico castellano e hispánico**. Com a colaboración de José Antonio Pascual. 6 vols. Madrid: Gredos, 1980-1991.

CUVEIRO, Juan. **Diccionario Gallego**. Madrid: Carlos Bailly Bailliere, 1876.

FILGUEIRA VALVERDE, Xosé et al. (1926). **Vocabulario popular castelán-galego**. Vigo: El Pueblo Gallego, 1926.

GARCÍA ARIAS, Xosé Lluís. **Diccionario General de la Lengua Asturiana**. Oviedo: Editorial Prensa Asturiana, 2002-2004. Disponível em: <http://mas.lne.es/diccionario>. Acceso em: 18 mar. 2009.

HOUAISS, Antônio et al. (Ed.). **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

HUBSCHMID, Johannes. Etymologische Prinzipien (dargestellt an kat. ‘escotar’ «ein Kleid oben ausschneiden» und damit verwandten Wörtern vorromischen Ursprungs)”. In: HÖFLER

et al. **Festschrift Kurt Baldinger zum 60.** Geburtstag: 17. November 1979. Tübingen: Max Niemeyer, 1979. Vol. II, p. 643-666.

INSTITUTO DA LINGUA GALEGA. **Atlas Lingüístico Galego (ALGa).** A Coruña: Fundación Pedro Barrié de la Maza, 1990-. Foram já publicados 5 volumes.

INSTITUTO DA LINGUA GALEGA. **Tesouro Informatizado da Lingua Galega (TILG).** Disponível em <http://www4.usc.es/TILG/> Acesso em: 18 mar. 2009.

LÓPEZ, José María. **Contos de pola vila.** Alcalá de Henares: Imprenta de la Escuela industrial de Jóvenes, 1928.

MACHADO, José Pedro. **Dicionário etimológico da língua portuguesa.** 3. ed. 5 vols. Lisboa: Livros Horizonte, 1977.

MEIER, Harri. **Notas críticas al DECH de Corominas/Pascual.** Anexo 24 de *Verba*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, 1984.

PEREDA ÁLVAREZ, José María. Aportaciones léxicas y folklóricas al estudio de la lengua gallega. **Douro Litoral**, Porto, 1953, 5ª série, vols. VII-VIII, p. 19-52.

RIVAS, Manuel. **Un millón de vacas.** Vigo: Xerais, 1989.

RODRÍGUEZ GONZÁLEZ, Eladio: **Diccionario enciclopédico gallego-castellano.** Vigo: Galaxia, 1958-1961.

RODRÍGUEZ, Francisco J. **Diccionario gallego castellano.** La Coruña: Imprenta del Hospicio Provincial, 1863.

SCHUBARTH, Dorothé; SANTAMARINA, Antón. **Cancioneiro popular galego.** IV, 2. Romances novos, cantos narrativos, sucesos e coplas. A Coruña: Fundación Pedro Barrié de la Maza, 1988.

TRÉSOR DE LA LANGUE FRANÇAISE INFORMATISÉ (TLFi). Paris: Centre National de la Recherche. Disponível em: <<http://atilf.atilf.fr/>>. Acesso em: 18 mar. 2009.

VALLADARES NÚÑEZ, Marcial. **Diccionario castellano-gallego**. Santiago de Compostela: Imprenta del Seminario Central, 1884.